

**“É A HISTÓRIA FALANDO POR MEIO DELES”: A VIOLENTA  
RESPOSTA DO COLONIZADO EM *DESONRA* (1999), DE J. M.  
COETZEE**

\*\*\*

**“IT IS HISTORY TALKING THROUGH THEM”: THE VIOLENT  
RESPONSE OF THE COLONIZED IN *DISGRACE* (1999), BY J. M.  
COETZEE**

Ana Maria Soares Zukoski<sup>1</sup>  
Alba Krishna Topan Feldman<sup>2</sup>

Recebimento do texto: 18/03/2021

Data de aceite: 15/04/2021

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise interpretativa a respeito dos aspectos pós-coloniais presentes na obra *Desonra* (1999) publicado pelo autor sul-africano J. M. Coetzee. O escritor nos apresenta um romance pós-colonial diferenciado, uma vez que o narrador, mesmo sendo heretodiegético, focaliza a visão de David Lurie. É a partir dessa visão que temos acesso aos acontecimentos, e nos é perceptível o choque que o colonizador sente ao perceber a resposta do colonizado. O romance que tem por espaço predominante o interior da África do Sul se passa logo após o *apartheid*. Os protagonistas, David e Lucy, além de brancos vieram da Europa, metaforizando os colonizadores e sofrendo a resposta que a colonização desencadeou. O trabalho está alicerçado nos pressupostos teóricos da Crítica Pós-colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura pós-colonial. *Desonra*. J. M. Coetzee.

**ABSTRACT:** This article aims to present an interpretative analysis about the postcolonial aspects present in *Disgrace* (1999) published by South African author J. M. Coetzee. The writer presents us with a differentiated postcolonial novel, since the narrator, even though heretodiegetic, focuses on David Lurie's view. It is from this view that we have access to events, and we can perceive the shock that the colonizer feels when perceiving the colonized response. The novel, which has predominantly South Africa's hinterland as space, takes place shortly after apartheid. The protagonists, David and Lucy, as well as whites came from Europe, metaphorizing the colonizers and suffering the response that the colonization triggered. The work is grounded in the theoretical assumptions of Postcolonial Criticism.

**KEYWORDS:** Postcolonial Literature. *Disgrace*. J. M. Coetzee.

---

1 Doutoranda e Mestra em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: aninha\_zukoski@hotmail.com

2 Possui graduação em Letras Inglês/Português pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (1992) e mestrado em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (2006). Doutorado em Letras na UNESP, de São José do Rio Preto (2010), e complementação na Louisville University (2009), nos Estados Unidos. Pós-Doutorado em Letras na Universidade Estadual de Londrina e em SFU - Simon Fraser University (Canadá). Atualmente é docente da Universidade Estadual de Maringá (PR). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: pós-colonialismo, lendas, escrita de autoria feminina, multiculturalismo. E-mail: profa.alba@gmail.com

## Considerações iniciais

De acordo com Bonnici (2005) os estudos pós-coloniais tratam acerca de uma estética e uma análise que possui como objetivo “compreender a realidade e as condições em que certos setores da humanidade se encontravam e se encontram excluídos pelos detentores da hegemonia colonial” (p. 9). Para isso, esses estudos concentram-se em analisar os mais diversos acontecimentos nos âmbitos político, social e cultural dos países que foram colonizados pelos europeus, ou seja, “as regiões colonizadas pelos ingleses, franceses, portugueses, espanhóis, holandeses e outros, como a África, o Caribe e o sudoeste asiático, e analisa a influência que o colonialismo exerceu nessas colônias invadidas” (BONNICI, 2005 p. 10).

A colonização gerou diversas rupturas para os colonizados, uma vez que toda a cultura, língua e costumes desses povos foram suplantados por ser considerado como inferiores à cultura, língua e costumes europeus. Para estabelecer a dominação, os impérios europeus instituíram aquilo que conhecemos como binarismo que “consiste em dois termos mutuamente excludentes, mas hierárquicos: direita/esquerda; homem/mulher; branco/preto; natureza/cultura” (BONNICI, 2011, p. 33). Construindo a diferença social e culturalmente, pois não há justificativa para a superioridade de um em detrimento do outro, os colonizadores desenvolveram processos discursivos para legitimar tal posicionamento.

Um deles é a outremização que trata da fabricação do outro por meio do discurso imperial. Para Bonnici “o outro é o excluído que começa a existir pelo poder do discurso colonial. Constitui-se o Outro colonizador quando os outros colonizados são fabricados.” (2005, p. 54). Institui-se o binarismo Outro/outro, no qual o Outro (com a inicial maiúscula) é colocado como superior e consequentemente o outro (com a inicial minúscula) que é o colonizado, como inferior. Tal estratégia é utilizada para a manutenção do poder, pois “quando o colonialismo coloca o nativo no polo negativo da hierarquia e o associa à categoria de não europeu, ele estabelece a sua centralidade e o seu poder.” (BONNICI, 2005, p.17-18). O europeu passa a ser o padrão e tudo que é destoante a esse padrão passa a ser visto como inferior e é subjugado. Entretanto, segundo o autor (2005, p. 10) o processo de colonização não se deu de forma passiva, pois a resistência

sempre se fez presente, tanto que é assentada nesse conceito e em outros como subversão, oposição e mímica que a Teoria Pós-Colonial encontra-se firmada.

Devido o processo de colonização não ter acontecido de modo pacífico, travou-se inúmeras lutas, marcada pela resistência do povo colonizado. A resistência acontecia de forma variada, podendo ser física, no embate corporal, como também discursiva, manifestando-se por meio das palavras. Uma das formas de resistências não violenta manifesta-se na literatura pós-colonial. Referendando Bonnici (2000, p. 13-14), o surgimento da literatura pós-colonial decorreu de dois fatores, sendo o primeiro as etapas de conscientização nacional, e o segundo a certeza de ser uma literatura diferenciada daquela do centro imperial. A literatura percorreu três grandes etapas. A primeira compreendeu textos literários produzidos pelos representantes do poder colonizador. A segunda envolveu os textos literários que foram produzidos por nativos que nutriam o sentimento de orgulho por terem aprendido a língua do colonizador. Tais textos passaram pela supervisão imperial para verificar se eram adequados. Já a terceira etapa abarca textos nos quais há diferentes graus no rompimento com os padrões da metrópole.

Da mesma maneira que a maioria das literaturas de minoria, como a de autoria feminina, por exemplo, a literatura pós-colonial passou pelo processo de assimilação de alguns valores para posteriormente subvertê-los em suas narrativas, que utilizadas agora como meio de denúncia, expõe um olhar diferenciado para a colonização: o olhar do colonizado que desnuda o outro lado da história, que até então era apenas contada pelo lado do dominador. Desse modo, podemos compreender que:

A literatura pós-colonial narra ficcionalmente eventos de povos colonizados e cria uma estética a partir do excluídos. Esses eventos oferecem uma percepção aguda sobre a vida daqueles cuja identidade e cultura foram transformadas pelo colonialismo. As literaturas pós-coloniais referem-se às obras escritas por pessoas cujos países foram colonizados pelas potências europeias (BONNICI, 2005, p. 11).

Essa literatura possibilita dar voz àqueles que haviam sido silenciados e colocados à margem, sem possibilidade de aproximarem-se do centro. Vendo que sua cultura e sua língua também foram relegadas à margem “o escritor pós-colonial

assume a *apropriação*, através da qual a língua europeia se adapta a descrever o ambiente não-europeu em foco” (BONNICI, 2005, p. 13, grifo do autor). Como forma de resistência, tendo consciência de que as línguas originárias das colônias não terá grande alcance, os escritores pós-coloniais lançam mão do recurso de apropriação, isto é, utilizam-se da língua colonizadora para falar das atrocidades cometidas pelos colonizadores. Empregar o idioma do colonizador, nesse caso, não se refere a uma internalização dos padrões, mas sim a resistência. Já que foram obrigados a aprenderem tal idioma, utilizar-se-ão para que por meio dele, possam assumir a voz de denúncia. De acordo com o autor: “através da apropriação o colonizado assume a linguagem [...] do colonizador e a põe a seu próprio serviço. [...] É a maneira pela qual a cultura colonizada usa os instrumentos da cultura dominante para contrapor-se ao controle político do dominador” (2005, p. 13). Os colonizados utilizam dos recursos que dispõem e que foi fornecido pelos colonizadores para travar a lutar contra os próprios.

A literatura pós-colonial, mesmo utilizando da língua estrangeira marca-se enquanto resistência uma vez que “embora o uso generalizada da língua inglesa e a hibridização da cultura tenham emergido a partir do colonialismo, sua presença não necessariamente significa a continuação da subjugação colonial” (BONNICI, 2005, p. 40). Contrariamente, significa justamente o confronto por meio da resistência discursiva, que embora menos violenta, é a que mais perdura. Daí uma das maiores importâncias da literatura pós-colonial.

Toda a produção literária desses povos que foram colonizados pelas nações europeias entre os séculos XV e XX, pode ser compreendida como literatura pós-colonial, de acordo com Bonnici (2000, p. 10). A maioria das obras pós-coloniais foi e ainda são escritas em idiomas europeus que possibilitou e possibilita aos escritores pós-coloniais alçarem suas produções a um patamar de maior divulgação e conseqüentemente de leitura.

Seus textos se preocupavam em problematizar questões que permaneciam marginalizadas na literatura canônica, mas custosas às sociedades colonizadas, como por exemplo, a temática da identidade. Como essas identidades poderiam se reconstruir após os traumas? Homi Bhabha, um pesquisador indiano discute sobre isso na sua obra *O Local da Cultura*: “No texto pós-colonial, o problema da identidade retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço da representação, onde a imagem – pessoa desaparecida, olho invisível,

estereótipo oriental – é confrontada por sua diferença, seu Outro” (1998, p. 79). O violento processo de colonização, ao romper com questões culturais, sociais e linguísticas, acaba por romper também com a identidade daquelas nações, impondo aspectos culturais europeus como o padrão, e transformando tudo que for diferente desse padrão em estereótipos negativos. A todo o momento o colonizado é lembrado de sua condição inferior por meio da diferença entre ele e o colonizador. Quando o autor se refere ao estereótipo oriental, nos remete ao Orientalismo, conceito criado pelo crítico literário palestino Edward Said para descrever o fenômeno:

Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 1990, p. 15).

Tal fenômeno diz respeito ao modo como o Ocidente enxerga e delibera acerca do Oriente. Pode-se compreendê-lo também como a relação entre europeus e o não-europeus. O modo como os países europeus dominam, colonizam e possuem autoridade sobre os países que colonizaram. Assim, ao suscitar o estereótipo oriental, Bhabha remonta à problemática identitária desses povos que foram fragmentados pelo processo de colonização. A literatura pós-colonial desenvolveu um importante papel, suscitando “reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro” (BONNICI, 2000, p. 8). Ao perceber essas malhas persuasivas de poder colonial, a literatura juntamente com o idioma estrangeiro possibilita o desmascaramento de tais recursos coloniais, como também dos estereótipos por eles criados, como a questão do maniqueísmo, sempre presente nas histórias oficiais, nas quais os colonizadores são totalmente bons e os nativos são integralmente maus. Possibilita também a tentativa de resgatar a cultura, focalizando nas narrativas alguns aspectos como costumes, locais e até mesmo expressões em sua língua nativa.

Além disso, a literatura pós-colonial colaborou com a abertura do cânone

literário. Por cânon literário, Reis (1992, p. 70) compreende que se trata de um aglomerado de obras, consideradas como clássicas e exemplares que fazem parte do patrimônio da humanidade, de valor inestimável, por isso sua necessidade de conservação para as gerações vindouras. Ressalta-se que ao afirmar que tais obras constituem o patrimônio da humanidade, tal humanidade é vedada e limitada. Devido o fato de o cânon estar assentado nos pressupostos do patriarcalismo e das hierarquias, o mesmo excluía os segmentos culturais que se encontravam afastados do centro, não abarcando obras de autoria feminina, de etnias não-brancas e das minorias sexuais, tornando-se um dispositivo de poder. A vista disso:

A desmitificação da formação e da constituição do cânone ocidental é algo recente e, em parte, deve-se ao desenvolvimento das literaturas pós-coloniais. O julgamento da excelência do idioma e da complexidade da obra literária produzida e consagrada pelo centro começa a ceder às investigações sociais e políticas que privilegiaram certas obras e certos autores enquanto descartaram outros (obras e autores) (BONNICI, 2000, p. 19).

A desmitificação do cânone ocidental a qual o teórico e pesquisador Thomas Bonnici se refere é de fundamental para que as minorias marginalizadas alcancem visibilidade com suas obras. É notável a participação da literatura pós-colonial no rompimento das estruturas hierárquicas do cânone, tanto que escritores pós-coloniais conseguiram prêmios renomados por suas obras, como é o caso do autor sul-africano J. M. Coetzee que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2003. Além do Nobel, foi o único escritor a receber duas vezes o Prêmio *Booker Prize*, em 1983 pela obra *Life & Time of Michael K* e em 1999 pelo romance *Disgrace*. Esse último foi traduzido para a língua portuguesa como *Desonra* e é o objeto de pesquisa desse artigo.

*Desonra* nos apresenta uma história que se passa na África do Sul pós *apartheid*<sup>3</sup>, com protagonistas brancos que vieram de Kenilworth, Inglaterra. David é professor universitário de literatura que trabalha com autores europeus,

---

3 Segundo Bonnici “Apartheid foi a política de separação racial (registro de pessoas conforme a cor; segregação em espaços públicos; separação de distritos; proibição de casamentos inter-raciais; a criação de bantustões) iniciada pelo governo nacionalista da África do Sul a partir de 1948, com precedentes em 1913 e 1936 (restrições ao Negro para adquirir terras), terminando em 1990. O regime de apartheid foi instituído pela ideologia da supremacia branca e para providenciar mão-de-obra barata para o branco” (2005, p. 16).

sobretudo com Lord Byron. Por complicações devido ao assédio a uma aluna, o protagonista acaba por ser desligado da Universidade do Cabo onde trabalhava e muda-se temporariamente para uma fazenda no interior da África do Sul, morando em uma fazenda com sua filha Lucy. Com apenas mais um morador branco além dos dois, Lucy sofre com as consequências que a colonização causou aos sul-africanos, que a enxergam como um dos colonizadores. A obra possui um narrador heterodiegético, contudo, o mesmo privilegia a ótica de David. Portanto, é a partir do filtro de sua ótica que temos acesso aos aspectos pós-coloniais presentes no romance. São esses aspectos que constituem o foco do artigo que pretende analisar como o colonizado responderá ao processo de colonização, enxergando em David e Lucy os colonizadores.

### **Aspectos pós-coloniais: A resposta do colonizado**

David muda-se temporariamente para uma fazenda no interior da África do Sul, onde sua filha mora: “Seis anos antes, Lucy foi morar ali como membro de uma comunidade, uma tribo de jovens que vendia artigos de couro [...] Tinha se apaixonado pelo lugar dizia; queria cuidar da terra do jeito certo” (COETZEE, 2015, p. 72). Com uma visão diferente de seu pai, a filha muda-se para a África sem pretensões hierárquicas, todavia, sua origem e a cor da sua pele a marcam como descendentes daqueles que haviam causado tanto mal aos sul-africanos. Os aspectos de resistência pós-colonial fazem-se presentes em níveis e formas diferentes, a iniciar pela linguagem:

O comentário se alterna em sotho e xhosa, línguas de que não entende nem uma palavra. Abaixa o som até ficar só um murmúrio. Sábado à tarde na África do Sul: tempo consagrado aos homens e seus prazeres. Ele cochila. Quando acorda, Petrus está a seu lado no sofá, com uma garrafa de cerveja na mão. Colocou o volume mais alto (COETZEE, 2015, p. 88).

David não entende as línguas oficiais da África do Sul, o sotho e xhosa, ambas de matriz bantu, mas também não procura compreendê-las. Ao abaixar o

volume, até transformá-lo em um murmúrio sinaliza para a tentativa de silenciar aquelas línguas que se distanciam do padrão inglês. O murmúrio ao qual ele reduz os comentários nas línguas nativas é significativo porque trata de algo que não incomoda, mas que ao mesmo tempo se marca como presente. Petrus, a metáfora do homem negro colonizado, numa manifestação de contrariedade a postura de David, faz questão de aumentar o volume, impondo as suas línguas ao homem que metaforiza o colonizador. Assim, ao impor “a língua [...] um meio através do qual uma estrutura hierárquica de poder se perpetua e pelo qual os conceitos de ‘verdade’, ‘ordem’ e ‘realidade’ se estabelecem” (ASHCROFT *apud* BONNICI, 2005, p. 11) o colonizado demonstra que mesmo com a apropriação do inglês, outras línguas continuaram a existir e se fazem presentes em sua terra, como forma de resistência. A respeito da assimilação da língua inglesa pelos africanos, David uma vez mais, demonstra uma visão que se aproxima da ótica do colonizador.

Ele ia gostar de ouvir a história de Petrus um dia desses. Mas de preferência não reduzida ao inglês. Cada vez mais ele está convencido de que o inglês não é a língua adequada para a verdade da África do Sul. Em inglês, a história se transformou num código e longos trechos dela engrossaram, perderam sua articulação, sua articularidade, sua artificiosidade. Como um dinossauro a expirar e a se assentar na lama, a linguagem endureceu. Apertada no molde do inglês, a história de Petrus pareceria artrítica, ultrapassada (COETZEE, 2015, p. 135-136).

A postura de David perante essa apropriação da língua inglesa, assim como da cultura por meio da literatura, pode ser ambígua. O fato da desaprovação do idioma na África pode se dar pelo motivo do protagonista não considerar tal país digno de usufruir da língua inglesa, ou que os africanos são incapazes de aprender corretamente o idioma europeu, não conseguindo livrar-se de sotaques ou de atribuir naturalidade aos sons. Entretanto, essa postura do protagonista pode apontar para a necessidade de um retorno às línguas nativas, mas isso implicaria em desconsiderar a apropriação do idioma inglês como forma de resistência pelos colonizados, excluindo esse aspecto linguístico que é símbolo da resistência discursiva. “A *língua* do colonizador é a herança mais difundida na era colonial, com repercussões até a contemporaneidade” (BONNICI, 2005, p. 39). Ao criticar

a forma como Petrus utiliza a língua inglesa, David carrega a desaprovação do colonizador diante da resistência do colonizado que se utiliza do hibridismo de linguagem como resistência, pois aprende a linguagem do colonizador para subvertê-la e usar como auto-expressão.

A cultura africana é menosprezada pelo protagonista: “Aquele rapaz por causa de quem você brigou na festa do Petrus. [...] O nome dele é Pollux.’ ‘Não é Mncedisi? Nem Nqabayakhe? Nada impronunciável, só Pollux?’ ‘P-O-L-L-U-X. David” (COETZEE, 2015, p. 225). Percebe-se o alto nível de ironia do personagem, ao fingir-se surpreendido pelo fato do nome do rapaz negro ser um nome que remete à cultura greco-romana, colocando a cultura africana como algo excêntrico, negativamente diferenciada da cultura europeia.

O ápice da revolta dos colonizados acontece por meio da violência física. As vítimas diretas são justamente David e Lucy, os únicos brancos daquele lugar. Lucy sofre pelo fato de ser mulher, sendo estuprada por três homens. David sofre agressões físicas e queimaduras, uma vez que teve seu corpo parcialmente incendiado. É apenas a partir desse momento que o protagonista consegue compreender que a sua origem, a cor clara da pele e seus conhecimentos europeus, de nada adiantam perante a revolta dos povos que foram colonizados:

Ele fala italiano, fala francês, mas italiano e francês de nada lhe valem na África negra. Está desamparado, um alvo fácil, um personagem de cartoon, um missionário de batina e capacete esperando de mãos juntas e olhos virados para o céu enquanto os selvagens combinam lá na língua deles como jogá-los dentro do caldeirão de água fervendo. O trabalho missionário: que herança deixou esse imenso empreendimento enaltecido? Nada visível (COETZEE, 2015, p. 111).

Mesmo diante da violenta resposta dos colonizados, David não consegue reconhecer os maus causados pelo seu povo no passado. Ao contrário, questiona-se sobre o fracasso do trabalho missionário, que não foi capaz de ‘domesticar’ os nativos. Ao adjetivar a África como negra, é possível identificar o quão pejorativo se faz tal adjetivo, uma vez que a cultura intelectual europeia não dá conta da selvageria contida nesse continente. A visão estereotipada acerca dos africanos se manifesta quando o personagem se refere a eles como ‘selvagens’ que ‘combinam

lá na língua deles como jogá-los dentro do caldeirão de água fervendo’. Além de atribuir-lhe o aspecto de selvageria e canibalismo, David também menospreza a língua desse povo, como se fosse algo negativo que apenas eles utilizam, assim como o senso comum do caldeirão com água quente, depreciando a imagem dos sul-africanos como canibais.

A resposta dos colonizados por meio da violência pode ser compreendida como a noção de agência que “é a capacidade de agir de modo autônomo, determinado pela construção da identidade [...] intimamente ligada à subjetividade, é a capacidade do sujeito pós-colonial reagir contra o poder hierárquico do colonizador” (BONNICI, 2005, p. 14). Lucy e David, por metaforizar os colonizadores, sofrem com a resposta de anos colonização, isto é, com a reação do povo que foi colonizado por brancos europeus. Essa atitude extrema também revela a questão do olhar: “O momento de visão que está retido no mau olho [mau olhado] inscreve uma atemporalidade, ou um congelamento do tempo. [...] Os olhos que restam – os olhos como uma espécie de *resíduo*, produzindo um processo iterativo” (BHABHA, 1998, p. 88, grifo do autor).

Portanto, a partir do postulado de Bhabha, podemos compreender que esse olhar que marca duas coisas distintas: o olhar do colonizador para fiscalizar o colonizado e o olhar do outro desejando a posição do Outro está inscrito sob uma atemporalidade. A presença dos dois brancos, metaforizando os colonizadores explica o fato de, mesmo após o final da colonização, acontecer essa violenta resposta que os atinge. A metáfora do “olho desencarnado” representa bem a questão do desejo da criação de outro binarismo, ou seja, submeter os colonizadores às mesmas condições que os colonizados foram subjugados. É o que ocorre com Lucy, que é objetificada pelo fato de ser mulher. Assim como as mulheres negras foram estupradas e usadas como objeto pelos homens brancos, é a esse tratamento que a personagem foi submetida, a violenta resposta do colonizado:

Na metade do caminho de volta para casa, Lucy, para surpresa dele, fala. ‘Foi tão pessoal’, ela diz. ‘Foi tudo feito com um ódio tão pessoal. Foi isso o que mais me chocou. O resto era ... de se esperar. Mas por que eles me odiavam assim? Nunca tinha visto nenhum deles. [...] ‘É a história falando por meio deles’, ele arrisca, afinal. ‘Uma história de exploração. Pense nisso, se ajuda alguma coisa. Pode ter parecido pessoal, mas não era. Vem desde os ancestrais’ (COETZEE, 2015, p. 177-178).

David demonstra compreender a motivação da atitude dos nativos, isto é, o violento processo de colonização ao qual foram submetidos pelo império inglês. Quando se refere à ‘história falando por meio deles’, o protagonista remete à memória coletiva do povo que “pressupõe as atividades de compartilhamento, discussão, negociação e contestação. [...] O ato de lembrar traz em seu bojo outras atividades relacionadas com a formação da identidade, poder, autoridade, normas culturais e interação social” (ZELIZER *apud* BONNICI, 2005, p. 44). Ou seja, o ódio ao colonizador explica porque mesmo não conhecendo Lucy, o ‘ódio foi tão pessoal’. A cor branca de sua pele carrega a metáfora do colonizador, assim como sua origem, o que a coloca em um polo oposto, repetindo-se a história do colonizado *versus* o colonizador, mas com uma hierarquização diferente da de outrora.

Ao cometer o mesmo gesto contra Lucy, os homens negros acabam por reproduzir a mímica, que “é a tentativa pelo colonizado para copiar o colonizador. [...] ela pode ser altamente subversiva. A mímica, portanto, produz uma racha na certeza imperial de que a dominação colonial mantém completo domínio sobre o colonizado” (BONNICI, 2005, p. 46). Ao reproduzir a violência contra a mulher branca, os colonizados afirmam o seu poder e o seu rompimento com os resquícios da dominação colonial. A mímica não se reduziu apenas aos aspectos coloniais, abrangendo também a questão feminina: “A história percorre o distrito como uma mancha. Não é a história dela que se espalha, mas a deles: eles são os donos. Como eles a puseram em seu lugar, como lhe mostraram para que serve uma mulher” (COETZEE, 2015, p. 133). Assim como as mulheres negras eram duplamente subjugadas, por serem negras e por serem mulheres, o mesmo ocorre com Lucy. O fato de ser branca, notoriamente ajudou na motivação, o ódio ao colonizador. Assim, ocorre uma inversão com o colonizado fazendo o papel de colonizador e exercendo sua vingança. Dessa forma, Lucy foi violentada por ser branca e por ser mulher, sofrendo uma dupla colonização, nessa resposta colonial, em específico. O excerto evidencia as duas questões, o revide dos colonizados ‘eles são os donos’ e a questão feminina ‘mostraram para que serve uma mulher’.

Apesar da história se espalhar, Lucy mantém-se em silêncio no que diz respeito ao estupro, tanto para as autoridades como para os amigos. Pode-se relacionar o silêncio da personagem com a consciência acerca da violência que

marcou o processo de colonização da África, e em específico da África do Sul. Os pesquisadores Luis Dario Teixeira Ribeiro e Paulo Fagundes Visentini no texto *O sul da África: das origens à descolonização branca (até 1910)* realizam um mapeamento acerca da colonização da África do Sul, bastante explorada, por vários países de europeus, que instalavam suas bases, tencionando a facilitação da exploração das especiarias no Oriente, assim como a conquista das terras africanas. Para realizar o segundo intento, os europeus entraram em conflito com os nativos, resistentes à colonização. A respeito desse processo de exploração da África do Sul, os autores conseguem sintetizá-lo de forma contundente: “Cada vez mais o continente seria vítima de suas riquezas” (RIBEIRO; VISENTINI, 2010, p. 17). Por ser um país com grande riqueza, o olhar europeu volta-se para à África do Sul, destruindo a paz e explorando não apenas o país, mas também o povo que inicialmente lá vivia.

Mesmo sendo branca, Lucy aparenta compreender a colonização a partir do viés dos colonizados e ao ser questionada a respeito da violência que sofreu, a sua resposta evidencia isso: “O motivo é que, de minha parte, o que aconteceu comigo é uma questão absolutamente particular. Em outro tempo, outro lugar, poderia ser considerado uma questão pública. Mas aqui, agora, não é. É coisa minha, só minha.’ [...] ‘Aqui quer dizer a África do Sul” (COETZEE, 2015, p. 129). Ao marcar o ‘aqui, agora’ fica explícito como a questão do pós-colonialismo se manifesta nesse espaço que é a África e no momento, pós *apartheid*. Mesmo com resultado negativos, o *apartheid* possibilitou a construção identitária do povo colonizado, que se fortaleceu para lutar contra os resquícios coloniais, que firmaram raízes profundas, difíceis de serem superadas, exigindo uma descolonização da mente<sup>4</sup>. Lucy tem consciência acerca desse processo, e de como as leis não a protegeriam nesses casos, preferindo não se expor ainda mais.

Após o acontecido, David não se mostra mais amigável com os demais moradores, desconfiando do empregado da fazenda de Lucy: “Petrus não é inocente, Petrus está *do lado deles*” (COETZEE, 2015, p. 152). Ao marcar como ‘lado deles’, o protagonista traça a existência de dois lados, em conflito entre eles. O lado *deles* a que se refere trata dos negros que foram colonizados durante décadas pelos europeus, que simbolizaria o lado dele e a da filha. O ódio dos colonizados

<sup>4</sup> Conceito discutido por Frantz Fanon em *Les damnés de la terre* (1961) e por Albert Memmi em *Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur* (1957).

manifesta-se de forma mais veemente, durante uma discussão entre David e um dos rapazes que havia violentado Lucy: “A voz que sai da garganta dele está grossa de raiva. ‘Quem é você?’, ele [o colonizado] pergunta, mas as palavras querem dizer outra coisa: *Com que direito está aqui?* Todo o seu corpo irradia violência” (COETZEE, 2015, p. 150, grifo do autor). Ao questionar sobre a permanência de David na África do Sul, fica evidente o descontentamento dos colonizados, em ver a metáfora da colonização em suas terras, assim como o desejo por justiça, tanto que o estupro de Lucy pode ser interpretado como a ‘justiça feita com as próprias mãos’ e o modo de intimidar, demonstrando que aquelas terras pertencem a eles.

Lucy parece ter consciência a respeito de sua situação: “Acho eu estou no território deles. [...] E se ... e se *esse* for o preço que é preciso pagar para continuar? Talvez eles entendam assim; talvez eu entenda assim também. Eles acham que eu devo alguma coisa” (COETZEE, 2015, p. 179-180, grifo do autor). Compreende que sua presença no interior da África representa uma ameaça a memória coletiva daquele povo que vê nela a representação do povo colonizador. E que a ameaça será neutralizada de alguma forma, como a resposta violenta. Pode-se relacionar tal situação com a questão da alteridade, definida por Bonnici (2000, p. 15) como: “ser o outro, ser diferente, manter a diversidade”. A alteridade representa a construção identitária do povo colonizado. Assim, a presença de Lucy ameaça a identidade do povo negro, da mesma forma que a postura de David, homem branco, metáfora do colonizador suscita problemáticas como a raça e o racismo. Ele, diferentemente de sua filha, salienta a identidade de modo que isso legitime o racismo por ele praticado. Considerando a definição de racismo como “uma ideologia baseada na superioridade (direito de domínio) inerente de uma raça sobre as demais” (BONNICI, 2007, p. 226), compreende-se que a postura arrogante do homem branco reflete essa ideologia, que busca fundamentos nas diferenças entre ele e os nativos, para fortalecer seu preconceito e legitimar sua dominação.

Além de David e Lucy, há também um senhor branco chamado Ettinger que mora nas proximidades da fazenda. Assim como Lucy, ele tem consciência da hostilidade que o cerca por conta das questões que a sua cor, branca, suscita nos africanos por conta da colonização: “Ettinger vai ser mais difícil de dobrar. [...] Ettinger é camponês também, homem da terra, [...] O próprio Ettinger, com suas armas e arame farpado e sistemas de alarme, está com os dias contados.”

(COETZEE, 2015, pp. 136-153). Consciente da ameaça que representa e da possível resposta que isso pode gerar, Ettinger tenta se proteger pelos meios bélicos, com armas e também sistemas de alarme. Contudo, sabe que o cerco está se fechando e que não é possível permanecer durante muito mais tempo sem sofrer uma resposta, assim como Lucy também sofreu.

O maior interesse dos africanos<sup>5</sup> consiste em recuperar as terras compradas pelos brancos como a fazenda de Lucy:

Ele não acredita no que está ouvindo. Então era isso, todo o drible era para isso: essa proposta, esse golpe! E ali está Petrus inteiro, pitando o cachimbo vazio, esperando uma resposta. ‘Você se casar com Lucy’, diz cuidadosamente. ‘Me explique o que isso quer dizer. Não, espere; melhor, nem explique. Não quero ouvir mais nada. Não é assim que nós fazemos as coisas.’

*Nós*: está a ponto de dizer, *Nós, ocidentais* (COETZEE, 2015, p. 227-228, grifos do autor).

O excerto marca a divisão o pensamento de David entre nós, os civilizados e eles, os selvagens. Referendando Bonnici, há um “*hiato* entre o europeu (“nós”) e o outro (“eles”).” (2005, p. 54, grifo do autor). Além disso, o autor afirma que “a identidade e a diferença operam na base de incluir e excluir, marcando fronteiras entre ‘nós’ e ‘eles.’” (p. 37). Desse modo, a divisão realizada pelo protagonista não se trata de algo gratuito. Ao definir nós, como os ocidentais, aponta para a suposta superioridade europeia. Ademais, é preciso considera que uma vez mais a atitude do colonizado se reflete como uma resposta, pois a proposta de casamento demonstra a busca por uma forma de colonizar o colonizador por meio da mulher, isto é, casando com Lucy conseguiria as terras e o *status* de poder proveniente a essa posse.

Podemos relacionar tal divisão com o fenômeno do Orientalismo que para o teórico palestino Said: “nunca está longe [...] [da] ideia da Europa, uma noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus em contraste com todos ‘aqueles’ não-europeus, [...] a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus” (SAID, 1990, p. 19).

Mesmo tendo sofrido as consequências da resposta do colonizado, o protagonista  
5 Quando utilizamos o termo ‘africanos’ nos referimos às etnias negras, pertencentes ao continente africano pré-colonização.

não consegue desfazer-se de sua visão preconceituosa, faltando-lhe empatia para compreender que o outro não é inferior pelo fato de ser diferente, e que a diferença apenas assinala a diversidade e não a inferioridade.

## **Considerações finais**

Ao tomarmos como parâmetro a narrativa estudada e as questões arroladas acerca da relação entre colonialismo e pós-colonialismo, nos salta aos olhos o quão necessário se faz promover mais discussões que abordem os prejuízos que o processo colonizatório causou, assim como as respostas que isso resultou. No romance *Desonra* a denúncia dessa situação é evidente, sendo focalizada como um misto de horror e compreensão pelo viés da ótica do protagonista. Os aspectos pós-coloniais manifestam-se violentamente contra aqueles que representam a metáfora do colonizador, reproduzindo com eles as barbáries que seus antepassados haviam sofrido. Ademais, o romance também destaca como o colonizado acaba por internalizar a cultura de dominação do colonizador, e em uma espécie de revide, reproduz os mesmos comportamentos agressivos contra aqueles que, seja pela origem ou pela cor da pele/raça, metaforizem o colonizador.

O resultado de focalizar uma visão que não a do colonizado, mas evidenciando os aspectos pós-coloniais proporciona enxergar criticamente os acontecimentos, compreendendo a visão eurocêntrica e preconceituosa do protagonista e como o processo de revide do colonizado acontece, estimulado pela presença do homem e da mulher branca que, na memória coletiva desse povo, representa a metáfora da colonização, suscitando os horrores pelos quais os povos colonizados vivenciaram.

A obra de Coetzee evidencia as conseqüências que o processo de colonização europeu desencadeou, como o ódio dos nativos pelos europeus, ainda que não tenham sido essas pessoas em específico que tenham causado os horrores da colonização. A colonização marcou fundo a identidade do povo africano e, por esse motivo, a resistência e o revide violento contra os brancos demonstram as sequelas que anos de exploração e desumanidade ocasionam. O romance pós-colonial, por meio da potência da literatura, nos possibilita acesso ao outro lado da história, a uma percepção diferenciada, distante da postulada como norma ou padrão.

## Referências

BHABHA, Homi. Interrogando a Identidade. *In: O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed, UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Aspectos da Teoria Pós-Colonial. *In: BONNICI, Thomas. O Pós-colonialismo e literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista. 1ª. Reimpressão. Maringá: Eduem, 2011.

COETZEE, J. M. Desonra. Trad. José Rubens Siqueira. 4º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

REIS, Roberto. Cânon. *In: JOBIM, José Luís (org.). Palavras de crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; VISENTINI, Paulo Fagundes. O sul da África: das origens à “descolonização branca” (até 1910). *In: VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz (orgs.). África do Sul: História, Estado e Sociedade*. Brasília: Funag/cesul, 2010. p. 17-34.

SAID, Eduard. Introdução. *In: Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.**